



Pluralidade De Fontes Nos Jornais Impressos: Os Atores Que Ganham Visibilidade Nas Notícias Sobre Política Ambiental ¹

Michele Goulart MASSUCHIN²

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Emerson Urizzi CERVI³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Bruna BRONOSKI⁴

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo discute a pluralidade de vozes no debate apresentado pelos meios de comunicação a partir da análise das fontes que ganharam espaço na cobertura jornalística feita por dois jornais impressos – Folha de S.P. e Gazeta do Povo – durante 10 anos sobre o tema política pública ambiental. Nas democracias, a mídia é considerada como fonte de informação para a formação da opinião já que os cidadãos tomam suas decisões tendo como base o conteúdo informacional a que têm acesso. Sendo assim, torna-se relevante que os veículos de comunicação apresentem ao público um debate plural sobre os temas públicos. A metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa é quantitativa de análise de conteúdo e os dados sobre fontes apresentados no texto são referentes à análise de 520 edições de cada jornal num total de 813 textos.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes; Cobertura jornalística; Política ambiental.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir a importância da pluralidade de vozes no debate apresentado pelos meios de comunicação já que estes ocupam papel fundamental para informar os cidadãos, que utilizam as informações recebidas para orientarem seus debates e opiniões. Apesar da mídia não influenciar diretamente e o nível de influência

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública da UFPR e bolsista do programa Reuni. E-mail: mimassuchin@hotmail.com.

³ Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professor e pesquisador do Departamento de Comunicação/jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e do Departamento de Ciências Sociais e do Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenador do Grupo de Pesquisa de Mídia e Política da UEPG.. E-mail: ecervi7@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pesquisadora de Iniciação Científica do Departamento de Comunicação no grupo de Pesquisa de Mídia e Política. bbronoski@gmail.com



depende de outras variáveis, ela é a principal fonte de informação nas sociedades atuais e tem o poder de agendar ou silenciar determinados temas (MCCombs e Shaw, 1972).

As fontes são condicionantes centrais na produção jornalística que influenciam na produção das notícias. Dessa forma, o artigo pretende observar como esses grupos de pessoas aparecem nos textos sobre as políticas públicas ambientais. Observando as ações governamentais para o meio ambiente implantadas durante a última década, percebe-se que o assunto tem ganhado destaque nas discussões públicas o que implica numa série de atores interessados no assunto.

Por meio da análise dos dados é possível identificar quem são os atores que ganham *status* de fonte jornalística e possuem espaço na cobertura que os dois veículos analisados - Folha de S.P. e Gazeta do Povo - fazem sobre as políticas públicas ambientais durante o período de 2000 a 2009, quando foi implantado e executado o Segundo Plano Nacional de Meio Ambiente (PNMAII). Para discutir a pluralidade das fontes a primeira parte do texto contextualiza o papel da imprensa como fonte de informação na sociedade e seu papel na formação das opiniões e para a qualidade do debate público. Em seguida trata da relação entre jornalistas e fontes e apresenta a metodologia usada no desenvolvimento da pesquisa e os dados empíricos. Por fim, são feitas breves conclusões.

2. INFORMAÇÃO PLURAL PARA O DEBATE PÚBLICO

Duas características para o funcionamento das democracias estão relacionadas com o ambiente informacional: a pluralidade de idéias e o livre debate/circulação de informações. Como os meios de comunicação são considerados as maiores fontes de informações nas sociedades complexas, para que haja pluralidade de idéias na esfera pública é necessário que os veículos possibilitem que as suas informações sejam diversificadas. Sendo assim, uma das formas de garantir isso seria ouvindo diferentes fontes para ampliar o leque de informações qualitativamente diferentes.

A mídia possui como uma de suas funções a mediação dos assuntos mais distantes do cotidiano do público (ARUGUETE, 2005; HANSEN, 2007). Como os indivíduos não são capazes de estar em todos os lugares é desejável que possam receber informações completas que apresentem diversos pontos de vistas. Isso está relacionado com outra função dos veículos apontada por McCombs e Shaw (1972) que é a possibilidade de agendamento do debate público. Essas duas funções tornam relevante a presença das



características de debate plural, com idéias diversificadas e representando diferentes atores sociais, pois a opinião pública se nutre e se expressa por meio da mídia.

Maia (2002) considera os meios de comunicação como importantes na pré-estruturação da esfera pública política, pois na sociedade que se estabelece a partir do início do século XX, a mídia passou a exercer papel central na disseminação de informações, com a ampliação das tiragens dos jornais, a popularização do rádio e posteriormente da televisão. Os meios de comunicação passaram a fazer parte do dia-a-dia dos indivíduos e ganharam espaço relevante na esfera política por se tratar de um espaço de visibilidade como coloca Miguel (2002).

O debate público não depende apenas dos temas que são agendados, mas também da forma como eles aparecem, ou seja, que elementos foram selecionados para entrar no debate. Isso está relacionado com o acesso das fontes, pois elas conferem suas opiniões que aparecem nos textos, moldando-os e apresentando aspectos dos temas discutidos. Para mostrar como se dá a construção de um possível debate público nos meios de comunicação, os dois próximos tópicos discutem a relação entre jornalistas e fontes, mostrando como a literatura apresenta esse embate entre atores sociais e produtores de notícias.

3. A NORMATIVIDADE E A COBERTURA JORNALÍSTICA DIÁRIA

Espera-se que as vozes presentes no debate proposto pelos meios de comunicação sejam amparadas pela pluralidade com o objetivo de dar espaço à diversidade de atores presentes na sociedade. Essa diversidade, segundo Hansen (2007), melhora a qualidade da democracia e do próprio debate. Hansen (2007) chama a atenção para o fato de que embora a mídia tenha como fundamento normativo a pluralidade de vozes, há priorização de fontes oficiais e institucionais, diminuindo os tipos de discursos. Para Esteves (2005) nem os temas mais polêmicos conseguem trazer a tona a diversidade de vozes. Há atores que têm acesso direto à mídia (minorias) e o restante não se beneficia desse acesso (maior parte da população) (ESTEVES, 2005).

Essa mesma discussão é feita por Fuks (2000) ao chamar a atenção para as vantagens que uns atores possuem sobre os outros, o que está relacionado com a diferenciada distribuição de recursos materiais e simbólicos. Os atores situados nas instituições governamentais assumem posições privilegiadas na disputa pela visibilidade, que aqui se trata da visibilidade midiática. Fuks (2000) salienta que determinados tipos de atores conseguem colocar o tema em debate, mas não se manter presentes nele, ou seja, o



assunto ganha status público, mas deixa de ser monopólio do grupo/segmento responsável. Num estudo da cobertura jornalística sobre as ações de um movimento antimilitarista na Espanha foi possível identificar que os três periódicos analisados, apesar de fazerem a cobertura de inúmeros protestos realizados pelo grupo, não os considerou como fontes, dando espaço para políticos, juízes e polícia (BLANCO, 2000). Os atores que propõe o debate são importantes, pois representam um dos componentes do processo de formação da opinião pública, juntamente com o ambiente informacional e a pré-disposição dos indivíduos. Para compreender como se dá esse processo de escolha dos atores, o próximo tópico discute a relação entre jornalistas e fontes de informação, mostrando como a presença e ausência de determinados atores está relacionada com estratégias e com as rotinas produtivas dos veículos.

4. RELAÇÃO ENTRE JORNALISTAS E FONTES

A pluralidade do debate público é decidida, segundo Serrano (1999), pela relação entre jornalistas e as fontes. Ávora (2005) lembra que o jornalista nem sempre está no lugar dos fatos e precisa de alguém para narrar o acontecimento, mas na medida em que os jornalistas recorrem sempre às mesmas pessoas, as demais ficam excluídas. O papel das fontes é discutido em diversas teorias da comunicação, sendo considerados fatores fundamentais no processo de escolha das notícias (SHOEMAKER E VOS, 2009).

Pinto (2000) leva em consideração que são os jornalistas que determinam e dão acesso a determinadas fontes por meio de suas redes de contato. Mas lembra que elas informam apenas aquilo que lhes interessa, dessa forma, enquadrando o fato conforme seus interesses. Justamente por esse interesse particular que possuem ao darem informação aos jornalistas, é necessário que haja diversas opiniões. Isso ajuda a minimizar o impacto de apenas uma opinião e possibilita o embate de idéias. Apesar da importância de informações diversificadas para a qualidade da democracia, a relação entre fontes e jornalistas se mostra tendenciosa para alguns tipos de fontes. Segundo Serrano (1999) a produção jornalística apresenta um número maior de fontes relacionadas a instituições fazendo com que as notícias sejam representações da autoridade. A elite política é responsável pela maior parte dos temas presentes na mídia, resultado da relação de proximidade entre a esfera política e midiática (HABERMAS, 2006).

Segundo Habermas (2006) a esfera política, tem mais acesso por já conhecerem as rotinas jornalísticas e possuem estratégias de assessoria para agendar seus temas, opiniões e ganharem visibilidade. Ressalta-se que organizações não-governamentais e



movimentos sociais, por exemplo, não conseguem *status* automático de visibilidade como apontaram Habermas (2006) e Serrano (1999), ou seja, são fontes na maioria das vezes disruptivas, que precisam promover eventos (passeatas, mobilizações, etc.) para ganhar destaque. Essa é uma definição feita por Molotch e Lester (apud TRAQUINA, 2005), onde os autores dividem as fontes jornalísticas (*news promoters*, como eles chamam) em três categorias: Habitual, Disruptiva Social e Cidadão Individualizado. Segundo Blanco (2000), os jornalistas privilegiam as fontes oficiais por motivos pragmáticos: fluxo constante e seguro de informação (pela existência de assessoria que mantém contato regularmente com a mídia). Santos (2003) considera as fontes oriundas da sociedade e dos movimentos como fontes fracas, ou seja, por si só não conseguem agendar os meios de comunicação nem ganhar visibilidade na cobertura, pois não fazem parte do círculo de proximidade dos produtores das notícias.

Dessa forma, percebe-se que a relação entre os jornalistas e as fontes não é de dependência ou de autonomia entre um e outro, mas uma relação de luta entre os dois tipos de atores sociais (PINTO, 2000) que está intimamente relacionada com a pluralidade do debate produzido pela mídia. Para mostrar como se dá a presença das fontes na cobertura jornalística, o próximo tópico apresenta alguns resultados de como as fontes aparecem na cobertura sobre política ambiental.

5. AS FONTES NAS NOTÍCIAS SOBRE POLÍTICA AMBIENTAL

A metodologia utilizada é quantitativa de análise de conteúdo e permite identificar, por meio das variáveis e categorias, como se dá a presença – em termos numéricos – das fontes na cobertura sobre políticas públicas ambientais em dois jornais impressos diários de diferentes abrangências: Folha de São Paulo e Gazeta do Povo. O objetivo da análise comparativa é identificar possíveis continuidades e diferenças entre periódicos com abrangências de circulação distintas. A escolha pelo jornal regional Gazeta do Povo deve-se ao fato dele ser o diário com maior circulação no Estado do Paraná, que, por sua vez, está em uma região com históricas questões relacionadas à degradação ambiental – principalmente em função do desmatamento de florestas naturais que foram substituídas por extensas áreas de agricultura intensiva. A coleta dos dados analisados foi feita por amostragem por semana composta.

Neste artigo serão abordadas com maior ênfase as variáveis ‘fontes ambientais’, “tipo de fonte” e “origem da fonte”, as quais permitem identificar quais atores aparecem como fonte das notícias, além de relacioná-las com o tamanho do texto e os temas. A



tabela 1, a seguir, apresenta os dados referentes às fontes específicas encontradas nos textos sobre meio ambiente (trata-se da primeira fonte citada no texto).

TABELA 1 - Presença de fontes nos textos jornalísticos sobre política ambiental

	Folha de São Paulo		Gazeta do Povo	
	Freq.	%	Freq.	%
Estado/Gov. Federal	92	20,6	45	12,3
Estado/Gov. Estadual	36	8,1	67	18,3
Estado/Gov. Municipal	12	2,7	24	6,5
Cientista/Pesquisador	37	8,3	24	6,5
Ambientalista	26	5,8	8	2,2
Empresa Privada	15	3,4	18	4,9
População	4	0,9	6	1,6
Judiciário	10	2,2	4	1,1
ONU	0	0	1	0,3
Outro	36	8,1	22	6
Total	268	60,1	219	59,7
Ausência	178	39,9	148	40,3
Total	446	100	367	100

Fonte: Autores

Dos 446 textos sobre meio ambiente catalogados na Folha de São Paulo, 39,9% não possuem fontes, aproximando-se bastante da Gazeta do Povo, com 40,3% nos 367 textos encontrados. Do total de citações de fontes usadas pelos produtores de notícia no primeiro jornal, a maioria se encontra na categoria Estado/Governo Federal, com 20,6%. O maior número de fontes na Gazeta do Povo se deu na categoria Estado/Governo Estadual, o que pode ser explicado pela abrangência de circulação do periódico, demonstrando coerência entre as áreas de circulação e fontes acessadas pelos jornalistas de cada periódico. Os dois veículos analisados têm em comum a fonte menos citada. O tipo ONU aparece com 0,3% na Gazeta e não está presente na FSP.

A segunda fonte mais citada na Folha de São Paulo é cientistas/pesquisadores, com 8,3% de presença, consultados pelos jornalistas sobre determinada questão do meio ambiente, já que o assunto exige, usualmente, um esclarecimento específico no texto. Tal fonte não se repete na segunda mais citada no outro jornal, pois a Gazeta do Povo apresenta 12,3% de suas fontes como Estado/Governo Federal. É possível afirmar que a Gazeta do Povo dá mais preferência às fontes oficiais que o jornal de abrangência nacional. Isto pode ser percebido na soma das três fontes governamentais, que aparecem com 31,4% na FSP e com 37,1% da Gazeta. Em decorrência disso, os



cientistas/pesquisadores e ambientalistas aparecem menos se comparados com a FSP. Enquanto na Gazeta eles estão com 6,5% e 2,2%, respectivamente; na FSP, aparecem em 8,3% e 5,8%. Onde há mais fontes governamentais há carência de outros tipos de fontes, o que demonstra que o jornal FSP dá mais espaço a outros tipos de fontes.

A tabela 2 faz uma descrição da origem da primeira fonte escolhida pelo jornalista. As três categorias fazem parte dos estudos de Molotch e Lester (Apud TRAQUINA, 2005) e se dividem em: Oficial Habitual, Disruptiva Social e Cidadão Individualizado. A primeira considera as fontes de cunho institucional, ou seja, representantes do Estado, de empresas públicas ou privadas. Sua característica central é não falar em seu próprio nome, mas representar uma instituição. O segundo representa os atores responsáveis por gerar alguma instabilidade social, tais como movimentos, passeatas, etc. que aqui está relacionado a questões ambientais. O fato social é maior do que a fonte que o expressa, criando um confronto no evento em pauta. Por último tem-se Cidadão Individualizado, caracterizado por não realizar nenhum dos dois papéis anteriores. Em outras palavras, trata-se da fonte que provém diretamente da sociedade. A seguir, os dados sobre a origem das fontes citadas nos textos sobre meio ambiente da Folha de São Paulo e da Gazeta do Povo. Os dados mostram apenas o resultado da primeira fonte das notícias, por ser aquela que ganha maior destaque no texto.

TABELA 2 - Origem da Primeira Fonte citada no texto

	Folha de São Paulo			Gazeta do Povo		
	Freq.	%	% Vál.	Freq.	%	% Vál.
Oficial Habitual	230	51,6	85,8	177	48,2	80,8
Disruptiva Social	6	1,3	2,2	10	2,7	4,5
Cidadão Individ.	32	7,2	12,0	32	8,7	14,7
Ausência	178	39,9		148	40,3	

Fonte: Autores

No jornal de abrangência nacional mais de 50% das primeiras fontes citadas nos textos sobre meio ambiente representam aquelas ligadas a alguma instituição. Na Gazeta do Povo, essa categoria também se aproxima da metade de fontes encontradas, considerando todos os textos que tratam da questão ambiental. Ao olhar apenas para os percentuais válidos, ou seja, considerando só os textos que citam fontes, teremos que na FSP há 85,8% de fontes oficiais, contra 80,8% na Gazeta do Povo. Os demais tipos tornam-se residuais, principalmente as fontes disruptivas.

Nota-se, ainda, que os dois periódicos possuem os percentuais bastante próximos nos três tipos de fontes aqui classificadas, sendo que a primeira apresenta uma diferença de



3,4% de um periódico para outro, a segunda 1,4% e a última 1,5%, para os percentuais totais. Com isso é possível dizer que os dois jornais, de alcances diferentes, não deixam de favorecer a fonte oficial, em detrimento daquelas que deveriam causar instabilidade no debate, ou seja, as que abordariam problemas sobre questões ambientais, assim como das fontes providas da sociedade civil.

A variável “origem da fonte” mostra a relação de proximidade entre as instituições e os meios de comunicação, como apontaram autores apresentados na primeira parte do *paper*. Mas, além da origem da fonte, se faz importante analisar o tamanho utilizado para os textos com os diferentes tipos de fonte (Habermas, 2006). O gráfico 1 permite identificar se as fontes tendem a aparecer em textos menores ou maiores, separadas em quatro tipos. São eles: “Lobista”, que defendem grupos e interesses específicos ligados às instituições, tanto privadas quanto públicas; “Especialista/Intelectual”, quando a fonte tem conhecimento científico ou profissional sobre o assunto em questão; “Defensor de Interesse Público”, assim classificada se defender um interesse geral ou de grupos marginalizados; e “Porta-voz de Temas Marginais”, ouvidos por expressarem opiniões a partir de temas não inseridos com normalidade no debate público. Os gráficos em boxplot ilustram a relação entre o tamanho dos textos encontrados sobre meio ambiente com o tipo de fonte usada pelos jornalistas.

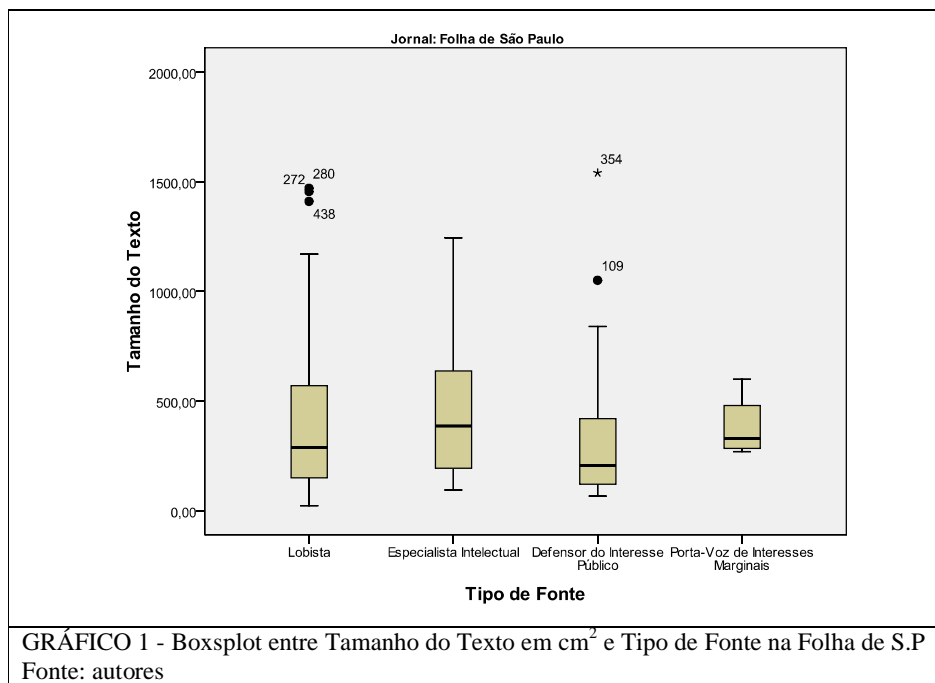


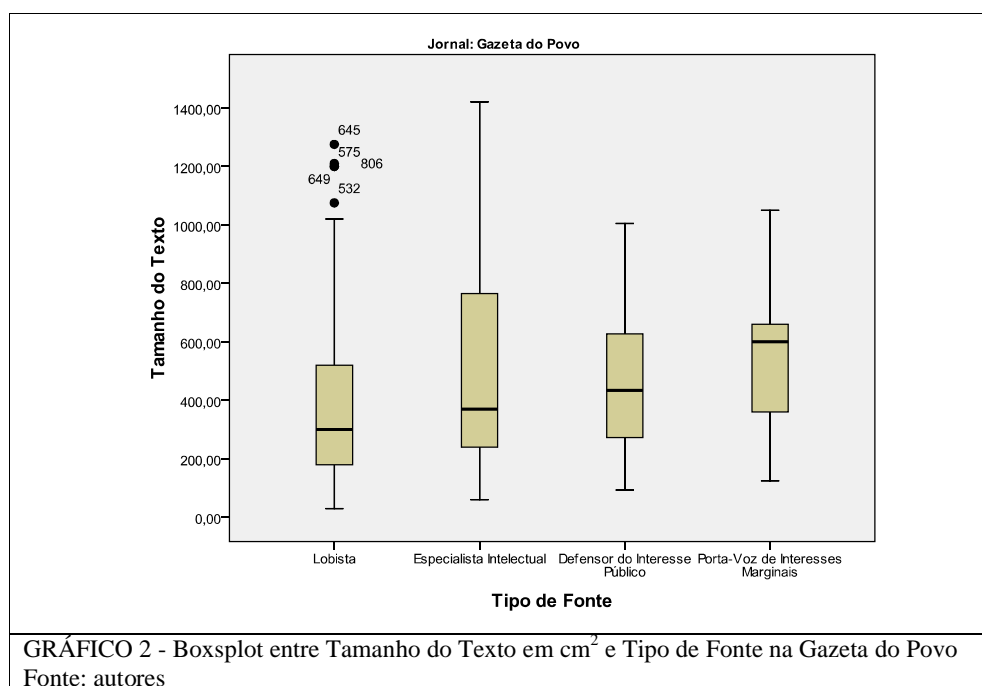
GRÁFICO 1 - Boxsplot entre Tamanho do Texto em cm² e Tipo de Fonte na Folha de S.P
Fonte: autores

A linha que divide os Box representa a mediana em cm² dos textos, o que permite visualizar se os diferentes tipos de fontes estão presentes em textos de tamanho maior



ou menor. A figura acima mostra que no jornal Folha de São Paulo o tipo de fonte Especialista/Intelectual foi favorecido pelos jornalistas no quesito tamanho, pois tendem a estar textos maiores que as demais fontes aparecem como primeira citada. Também apresentam a maior heterogeneidade de tamanhos, partindo de poucos cm² até quase 150 cm² de tamanho. Pela posição da mediana, nota-se que metade dos textos em que aparece o tipo de fonte Defensor de Interesse Público, tende a estar muito concentrada em tamanho pequeno. Isso significa que a maior parte dos textos em que aparece este tipo de fonte – na maioria, ambientalistas – ocupa pouco espaço, o que implica na menor visibilidade deste tipo de fonte relacionando-se com as demais. O tipo Lobista, apesar de aparecerem em maior quantidade que as demais fontes representam a terceira maior mediana. Já porta voz de interesses marginais, que aparece em uma quantidade pequena de textos, tende a estar em tamanhos maiores – perdendo apenas para Especialistas. Isso significa que eles tendem a ganhar espaço de voz em textos maiores, mas como os textos maiores são pouco recorrentes nos jornais, esse tipo de fontes possui um percentual muito pequeno de entradas consequentemente.

O gráfico 2 traz a mesma análise, mas para a Gazeta do Povo. Pode-se perceber que de maneira geral os textos que tratam de meio ambiente são maiores nesse jornal do que no anterior. Além disso, as medianas dos tipos de fonte têm maior variação e algumas alterações comparando com o gráfico acima. No caso do tipo Porta-voz de Interesses Marginais, a mediana passa os 600cm², o que significa que mais de 50% dos textos encontrados com este tipo de fonte foi publicado com espaço superior a este número, sendo que na tabela anterior nenhuma mediana ultrapassava 500cm². Este tipo de fonte tende a aparecer em textos maiores, mesmo aparecendo em pequena quantidade se relacionado com os demais tipos. Em outras palavras, a Gazeta do Povo favoreceu em tamanho e, com isso, em visibilidade, textos que evidenciam com suas citações os temas ambientais de caráter marginalizado.



O tipo Especialista/Intelectual – que tinha a maior mediana na FSP – tem a segunda menor na Gazeta do Povo, mas apesar disso, possui textos melhor distribuídos no que se refere ao tamanho. Eles variam em torno de 100 a mais de 1400cm². Defensor de interesse público, que na FSP aparecia com a menor mediana, na Gazeta do Povo tende a aparecer em maiores - apresenta a segunda maior mediana. Lobista, apesar de aparecer em grande quantidade nos textos coletados, tem a menor mediana de todas as demais categorias.

As próximas análises relacionam as fontes agora divididas em Governamentais e não-governamentais, sendo que estas últimas englobam todas as demais fontes que não representam órgãos públicos. Esta última análise prevê identificar se há relação entre determinados temas com a presença de atores governamentais, já que estes aparecem como primeira fonte citada nos textos em praticamente 50% daqueles que possuem algum tipo de entrevistado. Dos 258 textos coletados na FSP, em 136 a primeira fonte é governamental. Já na Gazeta do Povo, representa 126, das 204. Como já observamos na tabela 1 a Gazeta tende a apresentar um percentual maior de fontes governamentais do que a FSP. Ambos os jornais mostram, por meio do teste de significância (Q-quadrado), que a relação entre as duas categorias são significativas. Na FSP nível de significância para o teste foi $p = 0,000$ e na Gazeta do Povo, $p=0,031$, ambos abaixo do limite crítico de 0,05, embora na Gazeta haja uma relação mais fraca do que na FSP. É possível identificar que na FSP as fontes governamentais tendem a concentrar-se nos textos



sobre políticas de preservação ambiental com 44,1%, já as não-governamentais aparecem com 51,6% nos textos sobre sustentabilidade. No jornal Gazeta do Povo, as fontes governamentais aparecem com percentuais maiores em dois temas: sustentabilidade, com 36,5% e Preservação, com 34,1%. Em relação às fontes não governamentais, estas aparecem, assim como na FSP, mais quando o tema é sustentabilidade.

TABELA 3 - Relação entre variáveis Tema e Fontes governamentais

Tema		Folha de SP			Gazeta do Povo		
		Govern.	Não Govern.	Total	Govern.	Não Govern.	Total
Sustentabilidade	N	31	63	94	46	35	81
	%	22,8	51,6	36,4	36,5	44,9	39,7
	Res.	-2,6	2,8		-0,6	0,7	
Preservação de Áreas Ambientais	N	60	34	94	43	12	55
	%	44,1	27,9	36,4	34,1	15,4	27,0
	Res.	1,5	-1,6		1,5	-2,0	
Legislação	N	21	7	28	21	16	37
	%	15,4	5,7	10,9	16,7	20,5	18,1
	Res.	1,6	-1,7		-0,4	0,5	
Políticas/de vastação	N	24	18	42	16	15	31
	%	17,6	14,8	16,3	12,7	19,2	15,2
	Res.	0,4	-0,4		-0,7	0,9	
Total		136	122	258	126	78	204
		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: autores

Para complementar a análise, a tabela abaixo (tabela 3) também apresenta os resíduos padronizados, que mostram a relação entre as categorias das variáveis, indicando quais delas são mais fortes. Os dados significativos são aqueles acima de +- 1,96. No caso da Folha de São Paulo o resíduo positivo está entre as categorias “fontes não-governamentais” e “sustentabilidade”, com 2,8, enquanto o resíduo negativo, de -2,6 está entre fontes governamentais e “sustentabilidade”. Isso indica que enquanto fontes não governamentais tendem a aparecer relacionadas com sustentabilidade, o contrário ocorre com as governamentais, já que o resíduo é negativo, ou seja, fontes governamentais provavelmente não aparecerão relacionadas a esse tema. No caso da Gazeta do Povo há apenas um resíduo significativo que aparece entre as categorias “fontes não-governamentais” e “preservação de áreas ambientais”. Como o resíduo é -2,0, significa que as fontes governamentais tendem a não aparecer em textos sobre preservação. Apesar de perceber que há diferenças entre a presença das fontes, elas tendem a aparecer com maior força quando relacionadas a alguns temas específicos. Para finalizar a análise, a tabela abaixo mostra a relação entre as fontes governamentais



e não governamentais, observando-se a primeira e segunda fonte que aparece no texto. Até o momento, os dados apresentados dizem respeito apenas à primeira fonte citada, já que a maior parte dos textos apresenta apenas uma. No entanto, a pesquisa identificou também a segunda fonte citada para poder observar se há debate sobre o assunto nos jornais.

Para isso, a tabela 4 mostra a categorização governamental e não governamental, para indicar se há, de fato, debate nos textos produzidos pelos jornais, a partir da presença dos dois tipos de atores num mesmo texto. Na FSP, dos 446 textos, apenas 135 apresentam mais de uma fonte, enquanto na gazeta, dos 367, 113 apresentaram mais de uma fonte. No caso da FSP, em 52,7% dos textos que apresentam pelo menos duas fontes, tanto a primeira quanto a segunda são governamentais, enquanto 47,3% apresentam a primeira governamental e segunda não governamental (ver tabela 4). No caso de a primeira fonte não ser governamental, apenas 23,8% dos textos tendem a apresentar como segunda, um ator governamental; e 76,3% apresentam também como segunda fonte um ator não governamental.

Dessa forma identifica-se que apesar de haver mais de uma fonte no texto, não há debate de fato, pois a tendência é que representem uma mesma categoria, o que não leva à pluralidade de fato na discussão. Os debates apresentam-se polarizados: ora entre atores governamentais, ora entre atores da sociedade civil. Poucas vezes há presença de ambos numa mesma discussão. Isso mostra ainda que quantidade de fontes não significa, conseqüentemente, pluralidade de informação, pois o que ocorre na FSP é a ausência de diferentes tipos de atores num mesmo debate.

TABELA 4 - Presença de debate a partir da presença das duas primeiras fontes coletadas

		Fonte 2 Govern.	Fonte 2 Não Govern.	Total
Folha de SP	Fonte 1 Govern.	29	26	55
		52,7%	47,3%	100,0%
	Fonte 1 Não-govern.	19	61	80
		23,8%	76,3%	100,0%
Total		48	87	135
		35,6%	64,4%	100,0%
Gazeta do Povo	Fonte 1 Govern.	27	42	69
		39,1%	60,9%	100,0%
	Fonte 1 Não-govern.	13	31	44
		29,5%	70,5%	100,0%
Total		40	73	113
		35,4%	64,6%	100,0%

Fonte: Autores



Na Gazeta do Povo, quando a primeira fonte é governamental, 39,1% dos textos apresentam também como segunda uma fonte governamental; enquanto 60,9% tendem a apresentar não-governamental. No caso de a primeira ser não governamental, 29,5% dos textos apresentam uma segunda como sendo governamental e 70,5% como também não-governamental. Ao que a análise indica no caso da Gazeta do Povo há uma tendência de mais debate entre fontes de origem distinta do que na FSP. Embora a Gazeta apresente um percentual maior de primeiras fontes como sendo governamentais em relação à FSP, nos textos com mais de uma fonte elas tendem a aparecer “em debate” com outros tipos de atores sociais (60,9%), o que amplia a qualidade de informação para o leitor, que pode ter acesso a duas visões diferentes de um mesmo fato. No caso da FSP apenas em 47,3% há uma segunda fonte não governamental para debater com os atores políticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito às fontes utilizadas nos textos sobre política pública para meio ambiente nos dois jornais analisados - Folha de São Paulo e Gazeta do Povo - infere-se que há prioridade dos jornalistas no uso de atores que representam o governo, que são ligados a algum órgão público federal, estadual ou municipal (IBAMA, Secretaria de Meio ambiente, Ministério do Meio Ambiente, Prefeitura Municipal, etc.). Aqui se percebe que não necessariamente a fonte ligada a alguma instituição se torna a mais utilizada pelos produtores de notícia, mas sim aquelas que são membros de instituições estatais, que chegam a 31,4% na FSP e 37,1% na Gazeta do Povo.

A origem da primeira fonte citada nos textos coletados é muito próxima entre um jornal e outro, prevalecendo o caráter oficial. A maior diferença entre os percentuais dos dois veículos é de 3,4%. O cenário para os tipos de fontes é bastante similar também. A média de aparições da fonte oficial dos dois jornais é de 49,9%, sendo que o segundo lugar se encontra bem abaixo com 7,9% para a sociedade civil e, por último, 2% para o tipo Disruptiva Social, que causaria algum estímulo de confronto no debate acerca dos temas ambientais. Conclui-se, aqui, o visível destaque para fontes oficiais e a pouca utilização de fontes causadoras de instabilidade.

No entanto, não só a quantidade de uso de determinadas fontes pode trazer visibilidade às informações. Fontes inseridas em textos maiores recebem maior destaque que aquelas presentes em pequenas notas. A Gazeta do Povo apresentou, na variável tamanho, maior visibilidade das fontes do tipo Porta-voz de Temas Marginais com mais de 50% de seus textos com espaço superior a 600cm², além do destaque recebido pelo Especialista



Intelectual, tipos que não caracterizam as fontes oficiais. Portanto, as de caráter oficial podem ganhar em quantidade, mas nem sempre quando observado o tamanho do texto em que elas aparecem, o que torna o jornal mais equilibrado no uso de fontes que a Folha de São Paulo em que as fontes que aparecem em menor quantidade, também são aquelas que aparecem em textos de menor tamanho.

Além disso, por meio da análise foi possível identificar que o debate presente nos jornais sobre o tema política ambiental, tende a ser polarizado não havendo a participação de diferentes fontes. Isso ocorre por que há uma tendência, em ambos os jornais - mas mais presente na cobertura feita pela FSP - das notícias apresentarem várias fontes, mas de apenas uma mesma categoria, o que não leva à pluralidade na discussão, que seria essencial para a qualidade da informação. Poucas vezes há presença de dois tipos de fontes numa mesma discussão. Isso mostra ainda que quantidade de fontes não significa, necessariamente, pluralidade de posições e informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUGUETE, N. **Los medios de comunicación y la formación de la agenda pública.** Verso e Reverso – revista de comunicação, Unisinos. n° 41, 2005/2.

AVORA, S. **As fontes jornalísticas na televisão cabo-verdiana: “Os definidores primários” das discussões.** Disponível em: www.bocc.uff.br/pag/evora-silvino-fontes-jornalisticas.pdf. Acesso em: 08 de abril de 2010.

BLANCO, P. Sampedro. **Opinión pública y democracia deliberativa: médios, sondeos y urnas.** ISTMO: 2000.

ESTEVES, J P. **Os medias e os espaço público.** Lisboa: 2005.

FUKS, M. **Definição de Agenda, Debate Público e Problemas Sociais: Uma Perspectiva Argumentativa da Dinâmica do Conflito Social.** In: BIB, n° 49, 2000.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Political Communication in mídia Society: Does Democracy still enjoy na epistemic dimension?The impactof Normative Theory on Empirical Research.** Revista Communication Teori. No 16, 2006, p. 411-426.



HANSEN, M. **Esfera pública, democracia e jornalismo: as representações sociais de cidadania em ‘Veja’ e ‘Isto É’**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

MAIA, R. **Mídia e deliberação pública: mediações possíveis**. Texto apresentado no GT Comunicação e Política, XII Reunião anual da Compós, 2002.

McCOMBS, M; SHAW, D. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. In: Public Opinion Quarterly 36, p. 176-87, 1972.

MIGUEL, L. **Um ponto cego nas Teorias da Democracia: os Meios de Comunicação**. In: BIB: 2000 N°. 49.

PINTO, M. **Fontes Jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. Revista Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, 277-294

SANTOS, R. **Jornalistas e fontes de Informação**. Coimbra: Minerva, 2003.

_____. “Práticas produtivas e relacionamento entre jornalistas e fontes de informação”. In: TRAQUINA, N.; CABRERA, A; PONTE, C; SANTOS, R. (org): **O estudo do jornalismo português em análises de caso**. Lisboa: Caminho, 2001.

SHOEMAKER, P.; VOS, T. **Gatekeeping Theory**. 1ª edição. New York: Routledge, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.